

Questão 01

1. Um dos eixos da bipolaridade escravista que unia a África à América portuguesa girava, justamente, na rota aberta entre as duas margens do mar por correntezas e ventos complementares. Na ida, a rota principal seguia o inverso dos ponteiros do relógio, no sentido dos ventos oeste-leste, entre o Trópico de Capricórnio e 30°S. Na volta, a rota principal seguia no sentido dos alísios de sudeste, abaixo da linha do Equador. Na medida em que se zarpava com facilidade de Pernambuco, da Bahia e do Rio de Janeiro até Luanda ou a Costa da Mina, e vice-versa, a navegação luso-brasileira que se desenvolveu naquelas rotas foi transatlântica e negreira. Vários tipos de trocas uniam as duas margens do oceano.

(Adaptado de Luiz Felipe de Alencastro, *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 61 - 63.)

Com base no excerto e em seus conhecimentos, responda às questões.

- a) Explique a direção dos ventos alísios no Atlântico Sul e a sua funcionalidade no transporte marítimo da África para o Brasil.
- b) Cite e explique um exemplo de relação estabelecida entre o Brasil e a África na época da colonização portuguesa na América.

RESPOSTA

- a) Ventos alísios são massas de ar que convergem de zonas de alta pressão (anticiclônicas), nos trópicos, para zonas de baixa pressão (ciclônicas) no Equador, formando um ciclo. A direção dos ventos alísios no Atlântico Sul, vão da região desde de Angola até a Nigéria, para o litoral nordeste do Brasil, facilitando o transporte de barcos a vela.
- b) Foram diversas as relações estabelecidas entre Brasil e África no contexto da colonização. Aliás, mais do que a noção de metrópole e colônia é possível pensar em uma estrutura do “Império Português”. O tráfico negreiro envolvia uma complexa lógica. Traficantes africanos, de diferentes reinos, estabeleciam contatos com os portugueses que, por sua vez, transportavam os escravos para as Américas, em violência e escala até então desconhecidas. Trocas de mercadorias (escambo) e feitorias faziam parte deste comércio nos portos africanos, principalmente na região do Golfo da Guiné, região da Costa do Ouro e da Costa da Mina. Como parte importante do Império Português, o Brasil também estava inserido nesta lógica do tráfico. Comerciantes, na Bahia, estavam conectados com a produção de rolo de fumo, trocado por escravizados. No Rio de Janeiro, a produção de cachaça, a geribita, também fazia parte das trocas envolvidas no comércio atlântico. Milhares de africanos foram trazidos para as Américas, de modo que é possível se falar em um “atlântico negro” ou em uma “experiência de diáspora”, capaz de abarcar os mais variados intercâmbios, de diferentes povos, etnias e culturas.